

# CAPÍTULO 4: Como a essência deve ser entendida como gerada no Filho e aspirada no Espírito Santo

Entre os ditos dos Pais mencionados acima encontra-se a afirmação de que a essência é gerada no Filho e aspirada no Espírito Santo. Pois Atanásio, em seu terceiro discurso sobre os Atos do Concílio de Niceia, falando na pessoa do Filho, diz: “Distribuo aos homens o teu Espírito juntamente com a essência divina gerada de ti.” E um pouco mais adiante: “Da tua essência que geraste em mim, eu dou o Espírito Santo a eles.” O mesmo Pai escreve em sua carta a Serapião: “O próprio Pai, mantendo em si mesmo sua essência de forma inefável, a gerou toda e inteira em seu Filho.” E novamente: “Assim como o Pai tem vida em si mesmo, ou seja, uma natureza vivificante, assim ele deu ao Filho ter vida em si mesmo, ou seja, ele gerou no Filho a mesma natureza que aspira um Espírito vivente.” Posteriormente, ele diz do Pai e do Filho “que a divindade é naturalmente uma que aspira um Espírito Santo.” Desses trechos, conclui-se que no Filho a natureza divina aspira o Espírito Santo.

Cirilo, em seu *Tesouro* contra os hereges, afirma: “O poder, incriado e gerado no Filho, pertence ao Filho segundo toda a modalidade da natureza do Filho.” E novamente: “O Pai dá vida ao Filho, ou seja, ele gerou sua vida natural no Filho.” E Basílio diz: “O próprio Filho que o Pai nos dá é Deus em essência gerado de Deus, tendo em si a totalidade da essência do Pai como gerado.” Atanásio igualmente afirma em sua carta a Serapião que a essência divina no Espírito Santo é aspirada. Ele diz: “O Espírito Santo é a verdadeira e natural imagem do Filho em virtude da essência totalmente aspirada nele pelo mesmo.”

Essa maneira de falar, no entanto, é altamente enganosa, e no Concílio [Quarto] de Latrão o ensino de Joaquim, que presumiu defendê-lo contra Mestre Pedro Lombardo, foi condenado. Na 5ª distinção do seu Primeiro Livro das *Sentenças* o mencionado Mestre Pedro mostra que a essência comum não gera, não é gerada e não procede; isso porque em Deus há um elemento comum indistinto e um que é distinto e não comum. Portanto, aquilo que é o fundamento da distinção em Deus não pode ser atribuído ao que é comum e indistinto, mas apenas ao que é distinto. Não há, no entanto, outro fundamento de distinção em Deus senão este: que uma pessoa gera, outra é gerada e outra procede. Portanto, gerar ou ser gerado ou proceder não pode ser atribuído à essência divina, que é comum e indistinta nas três pessoas. O que é distinto em Deus, no entanto, é a pessoa ou hipóstase ou suposto da natureza divina, ou seja, o que possui a natureza divina.

Assim, esses termos que significam ou podem representar uma pessoa recebem a predicação apropriada de geração ou de processão. Assim, esses termos: Pai, Filho e Espírito Santo, conotam pessoas específicas, enquanto este termo: pessoa, ou hipóstase, conota-os genericamente. Assim, é próprio dizer que o Pai gera o Filho, e que o Filho é gerado do Pai e que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho, e também que uma pessoa gera ou aspira uma pessoa, ou é gerada ou aspirada por uma pessoa.

O termo Deus, no entanto, porque significa a essência divina como existente concretamente—pois significa alguém que possui divindade—pode, portanto, por causa de seu modo de significar, representar uma pessoa e assim as seguintes formas de falar são corretamente permitidas: Deus gera Deus; Deus é gerado ou procede de Deus.

Mas os termos essência e divindade e qualquer outro que conote abstratamente não podem, por razão de seu modo de significar, significar ou representar uma pessoa. E assim, as propriedades pessoais não podem ser corretamente predicadas da essência ou da divindade, por exemplo, a essência gera ou é gerada. Alguns desses termos, no entanto, estão mais intimamente ligados ao pessoal, na medida em que significam princípios de atos próprios das pessoas, e.g., luz, sabedoria, bondade e semelhantes. Assim, é menos inadequado pregar propriedades pessoais de tais, por exemplo, o Filho é luz de luz ou sabedoria de sabedoria. Mas a frase: essência de essência, implica maior dificuldade.

Embora o modo de significar seja diverso no caso dos termos Deus e divindade, a realidade a que se referem é absolutamente a mesma. E, portanto, assim como por razão dessa realidade idêntica um é predicado do outro, como quando Deus é chamado a divindade, ou uma pessoa divina ou o Pai a essência divina, também de vez em quando os santos usaram os termos de forma intercambiável, afirmando, por exemplo, que a essência divina gera porque o Pai que é a essência divina gera, ou que a essência é da essência porque o Filho que é a essência é do Pai que é a mesma essência divina. Cirilo, em seu *Tesouro*, diz: “O Pai, vivendo de si mesmo por sua própria vida e verdadeiramente existindo por sua própria essência, ao gerar o Filho como de uma raiz verdadeira, dá-lhe naturalmente sua própria vida e essência naturais.” Portanto, quando se afirma que o Pai gera sua própria natureza no Filho, isso deve ser interpretado como significando que pela geração ele dá sua própria natureza ao Filho, como no texto de Cirilo citado acima.

---

Revision #3

Created 1 August 2024 13:41:03 by Admin

Updated 7 August 2024 22:43:35 by Lukas